

A FOLHA

Nova Iguaçu, 28 de março de 1975

Número especial da Sexta-feira Santa

Não chorem por mim, chorem pelos seus irmãos!

Indivíduo chamado Jesus torturado e morto. Podia ser perfeitamente uma das manchetes dos nossos jornais. No caso, multidões no mundo todo acorrem a todas as igrejas, a fim de relembrar e lamentar aquela destruição do ser humano indefeso. Ao redor de nós, todos os dias está acontecendo a mesma coisa: indefesos aniquilados por toda sorte de opressão. Menores abandonados soltos nas ruas. Mendigos morando debaixo das marquises. Prisioneiros amontoados em jaulas imundas. Os pobres carregando a cruz dos salários mais que mínimos. Doentes pobres barrados na porta dos hospitais. Esmoreles recebendo as migalhas da nossa suficiência e da nossa compaixão.

Professoras primárias indefesas e sem a quem recorrer não recebendo há meses o pagamento do trabalho. Operários indefesos sendo despedidos pelos patrões antes da consolidação de qualquer direito. Bolsas de estudo distribuídas entre comanditas políticas e não entre os necessitados. Folhas de pagamentos assinadas com quantias que não se recebem. Direito à cultura confundido com mobralização. Crianças desmaiando de fome nos bancos das escolas. Propaganda patrioteira que não corresponde à vida real que o povo leva. Milionários gozadores nadando no excesso e na folia. Mistificação com pão e circo para barrar o caminho da conscientização.

E hoje as multidões se conjugam nas igrejas, a fim de deplorar a morte injusta de Jesus Cristo, senti-

mento aliás que pode bem estar entrosado no contexto atual da «nostalgia». Só que as lamentações podem não levar a nada. O «crime da Sexta-Feira Santa» era previsto desde a eternidade nos planos de Deus. Esta morte foi necessária, pois pagamento de um tributo devido a Deus por todos nós. O caminho do Calvário foi livremente escolhido por Cristo, fazia parte de um plano e de uma necessidade ou, curto e grosso, ele morreu assim porque quis, fazia parte do seu «trabalho». Fato tão sério e carregado de conseqüências que dispensa como totalmente inútil o coro das carpideiras.

Cristo escolheu o sacrifício da vida e da morte por causa de uma realidade chamada pecado. Realidade esta desgastada pela nossa cultura moderna e bem-pensante. Deixa esse negócio de pecado para o pessoal ingênuo do interior! Conseguimos esvaziar e avacalhar a noção de pecado! No entanto, parece que quanto maior o meio, tanto mais se notam as conseqüências do que definimos com a palavra pecado, em toda sorte de violência, exploração, marginalização, solidão, abandono, concorrência feroz, falta de compaixão, egoísmo, trancamento em si mesmo, tudo isso produzindo milhares e milhões de Cristos esmagados e esquecidos pelos donos do mundo, sem que isso desperte em nós, choradores de Cristo, as lágrimas de compaixão. Em meio às nossas lágrimas, não é fora de propósito lembrar que existe também o prazer das lágrimas, apenas um prazer a mais.

Nossa vida na missa

28 de março de 1975 — Sexta-feira Santa

O preço da passagem

C = Comentarista; L = Leitor; D = Dirigente; T = Todos.

1. ACOLHIDA

C. Manchete do jornal "O Dia", Rio de Janeiro, 4 de fevereiro de 1975: "Ajoelhou-se para ser fuzilado", "Viúva gestante desesperada encontra o corpo do marido com tiro na testa", "Carlinhos Capeta morre no xadrez", "Tocaiado e morto com bala na testa", "Liquidou o colega por causa de cinco cruzeiros". Relembremos agora ao ano 33, na cidade de Jerusalém. Publicação de César Augusto para todo o Império: "Morreu crucificado entre dois ladrões o indivíduo chamado Jesus, que se dizia Rei dos judeus".

L. Quando a vida de alguém é eliminada pelos semelhantes, uma causa houve. Acontece porém que muitas vezes as pessoas assassinadas eram honestas, solidárias e falavam a verdade. Incomodavam

e foram expulsas da vida. É o caso de Jesus, que viveu para o Amor, para a Verdade, para a Justiça e para a Paz. Sendo Homem e Deus, venceu a morte e nos libertou. Realizou a passagem da morte para a vida e salvou o seu povo. A fim de nos dar a possibilidade de libertação, pagou um preço altíssimo. Em silêncio, vamos pensar.

2. ORAÇÃO

Senhor Deus, com torturas, maus tratos e morte na cruz, Jesus comprou a passagem do povo para a Cidade da Fraternidade, da Justiça e da Paz. Como ele, queremos ter a coragem de percorrer a dureza da estrada e passarmos a ter melhores condições de vida, agora e sempre.

3. I LEITURA (Is 52,13-53,12)

L1. "Quem acreditaria naquilo que ouvimos dizer? E o braço de Javé, a quem

foi revelado? Como um rebento ele brotou diante de nós, como uma raiz em terra deserta.

L2. Quanto a mim, não opus resistência nem voltei atrás.

L1. Sem formosura e sem brilho nós o vimos: não tinha aparência agradável. Era mais objeto de desprezo e rebotalho da humanidade.

L2. Eu não voltei atrás. Ofereci o rosto aos que me fustigavam e a face aos que me arrancavam a barba. Não desviei a minha face.

L1. Homem das dores, afeito aos tormentos, sentindo-se como um leproso. Cobrimos os nossos olhos. Ele era desprezado e desconsiderado.

L2. Não escondi a face aos escarros e aos ultrajes.

L1. Ah, eram nossos sofrimentos que ele

carregava, eram nossas dores que o acabrunhavam. E nós o julgávamos humilhado e castigado por Deus. Foi transpassado por causa de nossos pecados, esmagado por causa de nossos crimes. O castigo que nos devolve a paz pesa sobre ele e é graças às suas feridas que ficamos curados. Como ovelhas, todos estávamos errantes, seguia cada um a sua vereda. E Javé fez desabar em cima dele os crimes de todos nós. Tratado com tanta crueldade, ele se humilhava e não abria a boca. Como um cordeiro levado ao matadouro, como ovelha nas mãos dos tosquiadores, ele não abria a boca. Foi coagido, julgado e preso, quem se preocupa com sua causa? Sim, foi cortado da terra dos vivos, por nossos pecados foi condenado à morte.

L2. Eu não opus resistência. Eu não voltei atrás. Eu não oculte a face.

L1. Por isso mesmo, após as tribulações de sua alma, ele verá a luz e será revestido de Deus.

L. Séculos antes do Jardim das Oliveiras, do Pretório e do Calvário, era de Jesus que Isaías já falava. Homem de dores, afeito aos tormentos, sem formosura nem brilho, como um leproso, diante dele a gente cobre os olhos.

4. II LEITURA (Hbr 4,14-16; 5,7-9)

L1. Irmãos, fiquemos firmes na fé que professamos. Porque temos o grande e soberano sacerdote que entrou na própria presença de Deus — Jesus, o Filho de Deus. Nosso grande Sacerdote pode sentir simpatia pelas nossas fraquezas, porque ele foi tentado do mesmo modo que nós, mas não pecou. Por isso sejamos corajosos e cheguemos perto do trono divino, onde está a graça de Deus. Ali receberemos misericórdia e encontraremos ajuda, sempre que precisarmos dela.

L2. Durante sua vida na terra, Jesus dirigiu, em voz alta e com lágrimas, orações e súplicas a Deus, que o podia salvar da morte. E Deus o ouviu, porque ele era humilde e fiel. Embora fosse Filho de Deus, aprendeu com os sofrimentos a ser obediente. Após perfazer o seu caminho, tornou-se a fonte de salvação para todos os que lhe são fiéis. E Deus o consagrou como Sumo Sacerdote, na ordem do sacerdócio de Melquisedeque". — Palavra do Senhor.

5. CANTO (C. FRATERNIDADE/75)

O Servo de Deus e dos homens, morrendo na cruz humilhado,
Com seu sacrifício salvou-nos e foi pelo Pai exaltado.

1. Ao mando do Pai obedece e vem aliar-se às nações.

E abriu os olhos aos cegos e nos libertar das prisões.

2. Socorre aos que andam perdidos e vagam nas sombras da morte.

E Homem de dores, Jesus, a todos nos traz sua luz.

3. O Servo ferido de Deus, Cordeiro por nós imolado,
Tomou sobre si nossas dores e o peso do nosso pecado.

6. III LEITURA

(A Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, escrita pelo apóstolo João)

C. O apóstolo João viu o que aconteceu durante a Paixão de Cristo. Contou tudo de um modo vivo e impressionante. Contou como Jesus, antes de iniciar o caminho do sofrimento, instituiu a Ceia Eucarística, deu-nos o mandamento novo do amor e rezou pela unidade da Igreja. Depois foi até o Jardim das Oliveiras.

L. Judas conhecia também aquele lugar. Foi traidor do seu Mestre, porque conduziu para lá soldados armados, a fim de prenderem Jesus. Indo ao encontro dos soldados, Jesus perguntou:

Xto. Quem é que vocês estão procurando?

T. Procuramos Jesus de Nazaré.

L. Jesus lhes disse:

Xto. Sou eu.

L. Eles voltaram atrás e caíram por terra. C. Então Simão Pedro, com uma espada, cortou a orelha direita de Malco, que era empregado do Sumo Sacerdote. Jesus disse a Pedro:

Xto. Guarda esta espada. Você não sabe qual é a vontade do Pai?

L. Prenderam Jesus e o conduziram primeiro a Anás. Este, por sua vez, o remeteu para Caifás, que era o Sumo Sacerdote naquele ano.

C. Embora os apóstolos tivessem abandonado o Cristo, Pedro e João o seguiram até a casa de Caifás. A noite estava fria. Pedro, enquanto esperava pelos acontecimentos, ficou no pátio, junto a uma fogueira, para se aquecer. Alguém lhe perguntou:

L2. Você não é um dos discípulos de Jesus?

L. Pedro então negou por três vezes o seu Mestre Jesus. E, conforme o próprio Jesus havia falado antes, o galo cantou naquele momento.

C. Começando a tortura das perguntas, o Sumo Sacerdote interrogava Jesus a respeito de seus seguidores e de sua doutrina. Jesus respondeu-lhe:

Xto. Por que essas perguntas? Sempre ensinei publicamente. Todos os que me ouviram sabem o que foi que ensinei. Pergunta a eles.

L. Um dos soldados deu-lhe uma bofetada e disse:

L2. É assim que respondes ao Sumo Sacerdote?

C. De manhã cedo, levaram Jesus da casa de Caifás para o palácio do governador Pôncio Pilatos. Pilatos era o representante do imperialismo romano, que dominava o povo judeu. Só ele podia condenar uma pessoa à morte em todo o território.

L. Pilatos então, como autoridade maior daquele território, perguntou a Jesus:

L2. Você é Rei dos judeus?

Xto. Sim, sou Rei, mas meu reino não é deste mundo. Se meu reino fosse deste mundo, meus seguidores não deixariam

que eu fosse entregue aos judeus. Foi para testemunhar a verdade diante do mundo inteiro que eu nasci. Todo aquele que procura a verdade ouve a minha voz.

L. Pilatos perguntou de novo:

L2. E o que é a verdade?

L. E, sem esperar resposta, dirigiu-se à multidão:

L2. Não encontro culpa alguma nesse homem. Por isso não pode ser condenado.

C. Pilatos ordenou então que lhe dessem uma boa surra. Finda a tortura, apresentou o Cristo novamente ao povo, dizendo:

L2. Eis aqui o homem.

C. O povo, sublevado pelos inimigos de Jesus, começou a berrar:

T. À cruz com ele! Crucifica, crucifica!
L. Os líderes judeus ameaçaram Pilatos dizendo:

L2. Se soltas esse homem, não és amigo de César. Sabes bem que todo aquele que se faz rei é inimigo de César.

C. Não vendo culpa nele mas com medo de perder a influência sobre o povo e a confiança de César, Pilatos condenou Jesus à morte na cruz.

L. Partiram então com o condenado para a porta da cidade, na direção do Monte Calvário. O próprio Jesus carregava o instrumento do seu suplício.

C. Era no Monte Calvário que morriam os condenados ao suplício da cruz. Jesus foi crucificado juntamente com dois assaltantes. Uma tabuleta pregada acima da cruz dizia ser ele o Rei dos Judeus.

L. Os soldados repartiram entre si as roupas de Cristo. Vários amigos acompanharam Jesus até o Calvário. Entre eles estavam sua mãe e João, o discípulo amado. Jesus falou à sua mãe:

Xto. Eis aí o teu filho.

L. Disse também ao discípulo:

Xto. Eis aí a tua mãe.

C. Desde aquela hora, Maria foi morar sob a proteção de João.

L. Jesus sofria o tormento da cruz. A certa altura clamou:

Xto. Tenho sede!

L. Mostrando ainda seu amor por todos os que erram, disse:

Xto. Pai, perdoa-lhes, porque eles não sabem o que estão fazendo.

C. Tendo chegado a hora em que haveria de passar desta vida para o Pai, Jesus entregou nas mãos do Pai toda a sua vida de obediência. Ele amou os homens até o fim. Nesse momento a humanidade, através de Cristo, ofereceu a Deus um ato de amor. Foi tão grande esse ato de amor que encobriu toda a realidade do mal.

L. Jesus então bradou:

Xto. Tudo está consumado!

L. Inclinou a cabeça e expirou.

(De joelhos e em silêncio, vamos pensar).

L. Depois disso, um dos soldados, para

ter certeza de que Jesus estava realmente morto, atravessou-lhe o peito com uma lança e, da ferida aberta, brotou sangue e água.

C. O apóstolo João viu tudo isso e o escreveu. É por isso que seu testemunho é digno de fé. Ele sabe que fala a verdade.

T. Nós cremos que Jesus Cristo / é o Filho de Deus vivo / que morreu e ressuscitou. / Com isso tornou bem clara / nossa certeza na salvação / de toda a humanidade.

7. PRECES UNIVERSAIS DA COMUNIDADE

D. Rezemos, irmãos caríssimos, pela Igreja de Deus e por toda a humanidade para que, com paciência e coragem, paguemos o preço de nossa união e assim ousemos responder quando nos perguntam: "Que fazes tu para a realidade mudar para todos aqueles que hoje estão crucificados pela fome, pela ignorância, pela doença, pela incompreensão e pela violência?"

D. Nós te pedimos por todos os moradores de nossa comunidade que ainda penam pela falta d'água, de luz, de esgoto, de transporte razoável, de escola, de segurança para que, dando-se as mãos, eles se disponham a exigir a solução destes problemas, rezemos ao nosso Salvador.

T. Senhor, por tua morte e ressurreição, sejamos todos irmãos.

D. Para que os poderosos deste mundo não cobrem dos pobres e indefesos um preço demasiadamente alto pela paz e pelo desenvolvimento, pois o próprio Jesus Cristo é o grande sacrificado em todos os fracassos e sofrimentos, rezemos ao nosso Salvador.

T. Senhor, por tua morte e ressurreição, sejamos todos irmãos.

D. Pelo Papa Paulo VI, pelos nossos Bispos, pelos Sacerdotes e Religiosos, pelos pais de família, pelos catequistas e dirigentes de grupos, para que se disponham a pagar o preço da passagem de uma Igreja paternalista, clerical e aliada dos poderosos a uma Igreja libertadora, pobre e evangélica, rezemos ao nosso Salvador.

T. Senhor, por tua morte e ressurreição, sejamos todos irmãos.

D. Para que a morte seja afastada de todos os flagelados, pobres e famintos do mundo inteiro, cujas vidas estão dependendo da ação corajosa dos organismos internacionais, a fim de que a justiça e a solidariedade se façam presentes no meio dos homens, rezemos ao nosso Salvador.

T. Senhor, por tua morte e ressurreição, sejamos todos irmãos.

D. Enfim, Senhor, tem piedade de todos os que sofrem, especialmente dos que não podem mais suportar. Tem piedade dos doentes e dos tristes; das viúvas e dos órfãos; dos biscateiros e desempregados; dos famintos e desabrigados; dos presos e condenados; dos ameaçados de morte e dos que querem se vingar; dos escravizados e injustiçados; dos perseguidos e humilhados; dos traídos e abandonados; dos solitários e incompreendidos; dos de-

sesperados e débeis; de todos os que vêm chegar a sua hora e não têm coragem de pagar o preço da passagem para a libertação. Nós te pedimos, Senhor nosso Deus e Pai, por Jesus Cristo, teu Filho e nosso Irmão.

T. Senhor, por tua morte e ressurreição, sejamos todos irmãos.

8. HOMENAGEM À CRUZ DO SENHOR

D. Eis o madeiro da cruz, cruz do pecado e da graça, cruz da derrota e da vitória, cruz da morte e da vida, cruz da perdição e da salvação, cruz de Jesus e de todos, que vivem e morrem pelos irmãos, vinde, adoremos!

T. Nós te veneramos, ó cruz de Cristo, porque és o preço de nossa salvação!

D. A cruz está erguida entre o céu e a terra. Ela atrai irresistivelmente todas as nossas cruces. Coitados de nós se não soubermos apoiar nossas pequenas cruces na grande Cruz de Jesus. Nossa cruz seria maldição, morte, fracasso e desespero.

Casal com a cruz: Eis a nossa cruz, a cruz dos pais de família. A cruz do custo de vida e dos salários insuficientes. A cruz da educação dos filhos, pequenos e grandes. A cruz da desunião e da incompreensão no lar. A cruz da falta de diálogo. A cruz da felicidade e bem-estar que nunca chegam. A cruz da doença e das ameaças de morte. A cruz das filas e das humilhações no emprego. A cruz do medo e da desesperança no futuro. A cruz que o Senhor nos deu. Vinde, adoremos!

T. Nós te veneramos, ó cruz de Cristo, porque és o preço de nossa salvação.

Rapaz e moça com a cruz: Eis a nossa cruz, a cruz dos jovens. Cruz da indecisão entre o ideal que atrai e o instinto que arrasta. Cruz do desânimo quando a vitória custa. Cruz do escapismo pela porta da violência, do vício ou da indiferença. Cruz do diálogo tornado quase impossível com a geração mais velha. Cruz da covardia e do deixar-se levar. Cruz da obrigação do dizer não às pressões frustradoras. Cruz dos apelos de Deus para a missão elevada e a moleza adiando a decisão. Cruz que é o preço que devemos pagar para nos tornarmos jovens cristãos. A cruz que o Senhor nos deu, vinde, adoremos!

T. Nós te veneramos, ó cruz de Cristo, porque és o preço de nossa salvação.

Homem com a cruz: Eis a cruz da riqueza. Cruz do apego aos bens materiais e da incapacidade de viver sem eles. Cruz da fé no dinheiro que tudo parece resolver. Cruz dos corações de pedra, incapazes de levar os pobres a participar nas conquistas da cultura. Cruz do desespero e do medo de fracasso. Cruz da inquietação com os bens materiais. Cruz da certeza de que tudo isso vai acabar e que o Reino de Deus não pode ser comprado com dinheiro. Cruz da injustiça que tranca o coração e cerra as mãos aos que precisam de ajuda e promoção. Esta cruz é o preço que devemos pagar para nos tornarmos cristãos em meio aos nossos bens. A cruz que o Senhor nos deu, vinde, adoremos!

T. Nós te veneramos, ó cruz de Cristo, porque és o preço de nossa salvação.

9. CANTICOS DURANTE O BELJO DA CRUZ

C. A paixão de Cristo está presente entre nós e se prolonga nos sofrimentos de todos os homens.

D. Meu povo, fui eu que te escolhi, por isso te acompanho e sofro contigo, na dureza dessa estrada que o mundo atravessa. Este mundo é um deserto onde campeia toda sorte de desniveis, injustiças, ignorância, fome, guerras e explorações. Meu povo, eu te alimento com o pão da Palavra e com o pão da minha vida. Eu me faço alimento para que, na comunhão dos irmãos, se exercite a minha força. E tu preparas para mim uma cruz, fazendo-me sofrer na pessoa do teu irmão. Nele tu me desprezas. Nele tu me exploras. Nele tu renovas a minha via-sacra.

T. Ó Deus santo, santo e poderoso, santo e imortal, tende piedade de nós!

L. Que mais poderei fazer pelo meu povo? Plantei com meu evangelho a árvore do amor e reguei-a com meu sangue. Esta árvore porém foi cortada pelo egoísmo e pela dominação e produz os frutos amargos do pecado e da negação do amor. Quando, na pessoa dos irmãos, estou com sede, me dão a beber o vinagre do sofrimento. E sou maltratado, perseguido e morto na pessoa daqueles que são perseguidos porque sentem a fome e a sede da justiça para os seus irmãos.

T. Ó Deus santo, santo e poderoso, santo e imortal, tende piedade de nós!

L. Durante toda a história, houve aqueles que morreram porque quiseram salvar os seus semelhantes. Muitos irmãos meus morrem por terem vivido uma vida em defesa da verdade e da justiça. Ainda hoje sou muitas vezes barbaramente torturado e crucificado e tu, meu povo, não me reconheces!

T. Ó Deus santo, santo e poderoso, santo e imortal, tende piedade de nós!

D. Quando o fracasso bate à nossa porta, costumamos dizer: "Que mal fiz eu para ser assim castigado por Deus?" Onde ficou a certeza de nossa vitória em Cristo Jesus? Em silêncio, vamos pensar! Jesus fracassou, ele mesmo disse: "Meu Pai, meu Pai, por que me abandonaste?" Esta derrota nos olhos de Jesus foi vitória no coração da humanidade. A morte está vencida. Jesus morreu e não está morto, para que homem algum jamais pense que tudo está perdido ou que o mundo não tenha solução.

10. PAI-NOSSO

D. O Pai só permitiu que seu Filho chegasse ao ponto de pensar que Ele o tinha abandonado para que nos convencêssemos de que podemos e devemos tornar-nos irmãos de todos. Para não nos envergonharmos da lição que o Pai e seu Filho Jesus Cristo nos deixaram, ousamos rezar assim: "Pai nosso, que estais no céu..."

11. ABRAÇO DE PAZ

D. Meus irmãos, Jesus abriu os braços na cruz a fim de abraçar todos os ho-

mens. Que não cruzemos os nossos braços ante tantos que precisam tornar-se nossos irmãos, mas os abracemos no amor de Cristo.

12. CANTO DA COMUNHÃO

Prova de amor maior não há, que doar a vida pelo irmão.

1. Eis que eu vos dou o meu novo mandamento:

Amai-vos uns aos outros como eu vos tenho amado!

2. Vós sereis os meus amigos, se seguides meus preceitos:

Amai-vos uns aos outros como eu vos tenho amado!

3. Como o Pai sempre me ama, assim também eu vos amei:

Amai-vos uns aos outros como eu vos tenho amado!

4. Permaneci no meu amor e segui meu mandamento:

Amai-vos uns aos outros como eu vos tenho amado!

5. E chegando a minha Páscoa, vos amei até o fim:

Amai-vos uns aos outros como eu vos tenho amado!

13. DESPEDIDA

Com sua morte, Cristo comprou o preço de nossa libertação. Qual o preço que estamos querendo pagar por um mundo mais humano e mais fraterno? Que nossas reuniões de comunidade nos ajudem a dar uma resposta generosa e comprometida. E até amanhã, para celebrarmos a maior festa dos cristãos, a Páscoa do Senhor. Que todos os que se entristecem com o Senhor Morto não deixem de participar nas alegrias do Senhor Ressuscitado!

14. CANTO FINAL

Vitória! Tu reinarás! Ó cruz, tu nos salvarás!

1. Brilhando sobre o mundo, que vive sem tua luz,

Tu és um sol fecundo, de amor e de paz, ó cruz.

2. Aumenta a confiança do pobre e do pecador,

Confirma nossa esperança, na marcha para o Senhor.

3. À sombra dos teus braços, a Igreja viverá,

Por ti no eterno abraço, o Pai nos acolherá.

A FOLHA

Ano 3 - 28 de março de 1975
Nº 147

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.

Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.
Rua Mal. Floriano Peixoto, 2262.
Caixa Postal 22.
26.000 Nova Iguaçu, RJ.

Utilidade Pública — Lei 6.311 de 25 de setembro de 1970.

Composto e impresso nas oficinas gráficas da Editora VOZES Limitada. Petrópolis, RJ.

Leve a folha para ler em casa

Coitadinho, ele é um sofredor!

As primeiras imagens de Cristo que eram encontradas nas catacumbas do Império Romano representavam-no não como o Homem das Dores mas como o Bom Pastor vitorioso, de face serena e erguida. Nelas, os primeiros cristãos, acossados de todos os lados pela violência repressiva dos alcagüetes do Imperador, cristalizaram em pedra a idéia de um Cristo, cuja segurança e serenidade chegam de uma fonte que está muito além de uma vicissitude passageira, chamada morte. O Cristo do Império Romano, o Cristo dos cristãos perseguidos, decapitados, queimados vivos, dados às feras e afogados no Tibre era um Cristo vitorioso, a pedra projetando dos olhos a serenidade da Páscoa.

A Idade Média criou a imagem do Cristo sofredor. As luzes se apagaram, o cristianismo virou em grande parte submissão à Igreja e não co-responsabilidade na Igreja, a "outra vida" era o único ponto de chegada e a vida mesma apenas uma passagem, durante a qual, quanto mais sofrimento, mais sinal da predileção divina. Surgiram as correntes, dentro e fora da unidade da Igreja, que faziam a apologia do desprezo do corpo e suas necessidades. Criou-se o dualismo entre o corpo e o espírito, dualismo exacerbado na consignação do corpo como princípio do mal e

elemento do diabo, e o espírito como princípio do bem e elemento de Deus. Quanto mais se fizesse o corpo sofrer, tanto mais se mortificaria o demônio e dariam os direitos de Deus.

Hoje temos muito mais elementos para constatar que grande parte dos sofrimentos são não apenas evitáveis como são consequência do pecado, isto é, consequências de opções livres que tornam o mundo pior, mais sofredor e mais infeliz. Sofrimento por sofrimento não leva a nada, como por exemplo miséria por miséria não leva a nada. A imagem do Cristo masoquista, que uma piedade pouco esclarecida ainda hoje parece conservar, não corresponde àquele que soberanamente, de livre e espontânea vontade, escolheu o caminho da pobreza e do sofrimento, para viver a vida do povo e defender o povo, mas logo depois ressuscitar sereno e vitorioso. Ele nos ensina que o sentido profundo da vida é vencer o egoísmo, viver na coerência de um esforço por um mundo melhor, que a morte é inevitável e, por isso, o que vale é usar o tempo dado a nós não para procurar a própria garantia mas para cooperar no esforço comum para que todos, principalmente os indefesos, tenham as suas garantias.